

**UNIDADE E DIÁLOGO ECUMÊNICO: UMA URGENTE NECESSIDADE  
PARA UM MINISTÉRIO PASTORAL EFICAZ DA IGREJA CATÓLICA EM  
MOÇAMBIQUE**

UNITY AND ECUMENICAL DIALOGUE: AN URGENT NEED FOR AN  
EFFECTIVE PASTORAL MINISTRY OF THE CATHOLIC CHURCH IN  
MOZAMBIQUE

Mussá Maria Cossa<sup>1</sup>

Recebido em: 05/05/2022

Aprovado em: 21/08/2022

DOI: 10.57147/espacos.v30i2.840

**Resumo:** Tratando-se dos temas da unidade e diálogo ecumênico na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), é impossível subestimar o impacto do decreto *Unitatis Redintegratio* na sua vida nas últimas décadas. É evidente que as relações eclesiais, durante as últimas cinco décadas, em termos de itinerário ecumênico, provaram ser um trabalho dinâmico, marcado tanto por avanços quanto por retrocessos memoráveis. A proclamação do documento *Unitatis Redintegratio*, no Concílio Vaticano II, catalisou inúmeros esforços no campo do ecumenismo, que fizeram e continuam deixando marcas indelévels na Igreja e nas suas relações com as outras igrejas e religiões não cristãs. Referente à relação dialogal da Igreja com as religiões não cristãs, se destaca a declaração conciliar *Nostra Aetate*. Em virtude desse excelente processo de diálogo que a Igreja vem desenvolvendo com as outras religiões, acredita-se que a revisão dessa experiência pode contribuir significativamente para a eficácia da ação pastoral da Igreja Católica em Moçambique.

**Palavras-chave:** Unidade. Diálogo. ICAR<sup>2</sup>. Pastoral. Moçambique.

**Abstract:** Addressing the topics of unity and ecumenical dialogue in the Roman Catholic Apostolic Church, it is impossible to underestimate the impact of the decree *Unitatis Redintegratio* in its life in the latest decades. It is clear that the ecclesial relations during the last five decades in terms of the ecumenical itinerary, have proven to be a dynamic work, marked by both bright steps as well as milestones of setbacks. The proclamation of the document *Unitatis Redintegratio* at the Second Vatican Council has catalyzed numerous efforts in the field of ecumenism, which have made and continue to leave indelible marks on the Church and on her relations with other Churches and non-Christian religions. The Council's declaration *Nostra Aetate* stands out regarding the Church's dialogical relationship with non-Christian religions. Due to this excellent process of dialogue that the Church has been developing with other religions, it is believed that the review of this experience can contribute significantly to the effectiveness of the pastoral action of the Catholic Church in Mozambique.

---

<sup>1</sup> Mussá Maria Cossa possui graduação em Filosofia pela *The Catholic University of Eastern Africa* (CUEA) [Universidade Católica da África Oriental] e é graduando em Teologia pela Faculdade Palotina FAPAS no Rio Grande do Sul, Brasil. Atualmente, o autor é estagiário no Complexo Patronato atuando na Faculdade Palotina; no Colégio Pallotti Antônio Alves Ramos, na Gráfica Pallotti e no Centro Social e Cultural Vicente Pallotti em Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: [mussa.maria@yahoo.com](mailto:mussa.maria@yahoo.com) / [mussa.cossaa@gmail.com](mailto:mussa.cossaa@gmail.com)

<sup>2</sup> A partir deste momento, a sigla ICAR se refere à Igreja Católica Apostólica Romana.

**Keywords:** Unity. Dialogue. RCAC. Pastoral. Mozambique.

## Considerações iniciais

As divisões históricas nas diversas igrejas, que remontam há séculos, estão sendo ultimamente tratadas de forma significativa e expressiva em nível local, regional e global. Por meio do ecumenismo, observa-se um profundo desejo de dialogar e compreender as razões por trás das diferenças históricas entre as igrejas de tradição cristã para assim se colocarem a caminho da unidade. Aliás, constata-se o desejo de superar mal-entendidos mútuos e preconceitos entre as lideranças cristãs e tem-se observado um grande anseio de dar testemunho como cristãos na sociedade e de cuidar dos necessitados.

A reflexão teológica desse movimento constata e frisa constantemente que a divisão dos cristãos é um grande escândalo para os não-crentes e um obstáculo muito sério à evangelização de todos os povos. Ressaltando o mesmo dado, os bispos conciliares do Vaticano II explicam que este fenômeno se torna contradição no orbe cristão em virtude da constante pregação do projeto de Deus de formar de todos os povos uma só nação vivendo na mesma esperança e numa única fé. Somado a isso, o Concílio Vaticano II percebeu também que a divisão é um escândalo para o mundo, pois ela frustra as esperanças que o mundo tem de unidade e de paz. Com certeza, não se tem como entender a pertinência da paz quando ela é pregada por alguém que não a vive. Diante dessas realidades, o Concílio viu, como consequência de tal atitude, o déficit na vivência da caridade evangélica.

Face ao exposto, é de comum acordo no movimento ecumênico que todos, enquanto cristãos, precisam percorrer o caminho de transição que supera as diferenças e conduz à plena comunhão. Sabe-se que pelo auxílio do Espírito Santo, mesmo em meio a tribulações, dentro de cada um estão as sementes do perdão, da paz, da reconciliação e da comunhão. Cabe identificá-las, cultivá-las e fazê-las frutificar (WOLFF, 2015, p. 382-383). Por isso, tornam-se aqui relevantes as palavras do Papa João Paulo II quando afirmou que “a unidade dos cristãos é possível com a condição de estarmos humildemente conscientes de ter pecado contra a unidade, e convencidos da necessidade da nossa conversão” (UUS, n. 34).

Dentro desta perspectiva, o presente ensaio se propõe a aprofundar a questão da unidade e diálogo ecumênico como contínua preocupação da Igreja Católica nos últimos anos e como uma necessidade urgente para um ministério pastoral eficaz da Igreja Católica em Moçambique. Para tal, o tema será desenvolvido abordando-o em quatro seções, a saber: as origens e o desenvolvimento do movimento ecumênico; a aceitação da ideia do diálogo ecumênico no seio da ICAR; as conquistas significativas do Concílio Vaticano II quanto ao diálogo ecumênico; e a necessidade do diálogo ecumênico no processo de evangelização em Moçambique.

Obviamente, tratando-se de um breve estudo, não se tem a pretensão de fazer uma exposição exaustiva do tema, mas apenas apresentar as ideias chave que possibilitarão uma compreensão genérica do assunto e a abertura à possibilidade de aprofundamentos posteriores.

## **1. As origens e o desenvolvimento do movimento ecumênico**

Ao se fazer uma retrospectiva histórica, muitas pesquisas datam o início do processo da constituição do movimento ecumênico, nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Há um consenso entre vários historiadores de que a Conferência Missionária Mundial ocorrida em Edimburgo, em 1910, constitui a gênese desse movimento. Segundo Ariarajah, para esta conferência foram convidados mais de mil e duzentos delegados provenientes das sociedades missionárias que naquela época testemunhavam e levavam avante a evangelização no mundo (ARIARAJAH, 1994, p. 388).

Desde a sua gênese, o movimento ecumênico buscou manter um diálogo na busca da restauração da unidade da fé cristã e um testemunho mais abrangente entre aqueles que professam a fé em Jesus Cristo como Senhor. Como se pode notar, este movimento nasce com o intuito de aproximar e possibilitar o diálogo, a cooperação e a comunhão entre cristãos de diferentes igrejas. Segundo Wolff, “esse movimento ganhou terreno em ambientes eclesiais onde outrora se regava a semente do distanciamento e da divisão” (2014, p. 15). Na tentativa de oferecer uma explicitação mais clara do ‘carisma’ deste movimento, Thomas Fitzgerald destaca que

O movimento ecumênico é a busca dos Ortodoxos, Católicos Romanos, igrejas anglicanas, igreja veterocatólica, e a maioria das igrejas protestantes para a reconciliação e a restauração de sua unidade visível na fé, na vida sacramental e no testemunho no mundo. Ao longo do século passado, especialmente, esta busca alterou drasticamente a relação destas igrejas divididas entre si<sup>3</sup>. O isolamento, condenações e desconfiança, que caracterizaram sua relação por séculos, deram lugar, em muitos lugares, a novos encontros. Estes são caracterizados por oportunidades de orações em conjunto, de reflexão teológica em conjunto e de testemunho em conjunto para o bem-estar da sociedade (FITZGERALD, 2004, p. 1, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Segundo Ariarajah (1994, p. 338), a visão que o cristianismo tinha das outras tradições religiosas e o modo de apresentar-se diante das mesmas, constituiu o tema mais importante de toda a Conferência Missionária Mundial ocorrida em Edimburgo, em 1910. Aliás, os conferencistas concordaram unanimemente que a mensagem missionária em relação às religiões não cristãs não deve portar um carácter de superioridade, mas de encontro e de diálogo. Vale destacar que naquele contexto comparava-se o encontro cristão com as tradições religiosas asiáticas ao encontro da Igreja do Novo Testamento com a cultura greco-romana. No que tange a este dado, Ariarajah destaca que

A questão de como os cristãos veem outras tradições religiosas e como se relacionam com elas foi um dos temas mais importantes da conferência, e a seção sobre a mensagem missionária em sua relação com as religiões não cristãs foi, por

---

<sup>3</sup> Wolff (2014, p.15), sublinha que ‘profetas’ da unidade, como o batista William Carey (1761-1834), os calvinistas Adolphe Monod (1802-1856) e Henry Dunant (1828-1910), o metodista John Mott (1865-1955), os anglicanos Paul Wattson (1863- 1940) e Charles H. Brent (1862-1929), os católicos Paul Couturier (1881-1953), Lambert Beauduin (1873-1960), o luterano Nathan Soderblom (1866-1931), entre outros, intuíram com a profundidade da fé evangélica que a divisão dos cristãos é um mal que precisa ser superado. Segundo o mesmo autor, estes teólogos pensadores, criaram instrumentos de diálogo e de comunhão, como a Aliança Evangélica (Londres, 1846), as associações cristãs de moços e moças (Inglaterra e EUA, na década de 1840), a Federação Mundial de Estudantes Cristãos (Inglaterra, 1895), os movimentos Vida e Ação (1925) e Fé e Constituição (1937), a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (universalizada a partir de Lyon, em 1935), e centros ecumênicos diversos, dos quais destacam-se o Conselho Mundial de Igrejas (Amsterdã, 1948), que congrega hoje 347 igrejas. Para mais informações sobre a historicidade deste assunto, confira também SAGOVSKY, Nicholas. *Ecumenism, christian origins and the practice of communion*. New York, 2004. p. 194-208.

<sup>4</sup> The ecumenical movement is the quest of Orthodox, Roman Catholic, Anglican, Old Catholic, and most Protestant churches for reconciliation, and the restoration of their visible unity in faith, sacramental life, and witness in the world. Over the past century especially, this quest has dramatically altered the relationship of these divided churches to each other. The isolation, condemnations and mistrust, which characterized their relationship for centuries, have given way in many places to new encounters. These are characterized by opportunities for prayers together, for theological reflection together, and for witness together for the well-being of the society.

opinião unânime, a melhor de todas as comunicações produzidas em Edimburgo (ARIARAJAH, 1994, p. 338-389, tradução nossa)<sup>5</sup>

A conferência de Edimburgo foi sucedida pela Conferência Missionária Internacional em Jerusalém, em 1928. Tal encontro ocorreu no contexto de um crescente secularismo, tanto no Ocidente quanto no Oriente, e esta questão constituiu um aspecto fulcral de toda conferência. Por um lado, segundo Ariarajah<sup>6</sup>, os participantes afirmavam que o Evangelho cristão oferecia as respostas necessárias a um mundo conturbado; por outro, reconheciam os valores presentes em outras religiões e convidavam todos os fiéis a se unirem para enfrentarem juntos o crescente impacto da cultura secular. Como sempre tem acontecido, alguns participantes discordaram da proposta do encontro e insistiram na não valorização de outras religiões, argumentando que o evangelho cristão ocupava uma posição única entre outras tradições religiosas (ARIARAJAH, 1994, p. 389).

Anos mais tarde, em 1938, aconteceu a Conferência Missionária Internacional em Tambaram, na Índia. Depois desta conferência, registra-se outro encontro conferencial, em Willingen, em 1952 (NEWBIG, 1989, p. 242). Embora a ICAR não tivesse ainda aderido à espiritualidade do movimento, pode-se afirmar que, em parte, pessoas que estavam divididas entre si nas suas Igrejas locais/dioceses já se encontravam juntas, trabalhando, rezando e testemunhando juntas no além-fronteiras, na missão (NEWBIG, 1989, p. 240).

Como já se destacou acima, a Igreja Católica Romana Apostólica, infelizmente evitava formalmente as discussões ecumênicas e persistia no chamado aos outros cristãos para voltarem ao seu pastoreio. Grosso modo, pode-se sublinhar que durante esse período, os fiéis católicos foram proibidos de tomar parte no movimento ecumênico. Como testemunho disto, o Papa Pio XI, na Encíclica *Mortalium Animos* (1928), chamou os ecumenistas de *panchristiani* e afirmou que “a Sé Apostólica não

---

<sup>5</sup>La questione della visione che i cristiani hanno delle altre tradizioni religiose e dei modi di rapportarsi ad esse costituì uno dei temi più importanti della conferenza, e la parte che aveva come oggetto il messaggio missionario nel suo rapporto con le religioni non cristiane fu, per giudizio unanime, la migliore di tutte le relazioni prodotte a Edimburgo.

<sup>6</sup> L'incontro di Gerusalemme del 1928 avvenne, d'altra parte, nel contesto di un crescente secolarismo, tanto in Occidente quanto in Oriente, e questa problematica vi giocò perciò un ruolo centrale (cf. la voce «secolarizzazione»). Se da un lato la conferenza asseriva che il Vangelo cristiano forniva le risposte necessarie ad un mondo travagliato, dall'altro riconosceva i «valori» presenti in altre religioni e invitava tutti i credenti a unirsi ai cristiani per affrontare insieme l'impatto crescente della cultura laica.

pode, de modo algum, participar das suas reuniões e, de nenhum modo, os católicos podem aderir ou ajudar tais tentativas” (*Mortalium Animos apud* WOLFF, 2014, p. 16). Por isso, a Igreja Católica permaneceu nesse estado de rejeição ao movimento até os anos sessenta.

Atualizando para o nosso contexto, torna-se evidente que o esforço de compreender a relação entre o cristianismo e as outras tradições religiosas tem se constituído uma questão muito importante no processo de evangelização dos povos, ao longo dos últimos anos da história da ICAR. Hoje, por meio de sua presença no movimento ecumênico, especialmente com e a partir do Concílio Vaticano II, tem se esforçado para manter um diálogo pacífico e saudável com as demais igrejas e comunidades eclesiais, embora nalgumas ocasiões, ao longo de tal processo, tenha apresentado também sérias debilidades que merecem um estudo à parte.

Ao se fazer o resgate histórico deste movimento, é de suma importância lembrar que foi uma iniciativa protestante, predominantemente do mundo anglo-saxão como se destacou anteriormente. Aliás, no início da constituição da ideia, a ICAR sustentava um discurso polarizado e insistia que os protestantes retornassem a ela como filhos pródigos, implorando por misericórdia<sup>7</sup>.

Como consequência dessa tentativa de restaurar a comunhão entre os cristãos, hoje, no seio da Igreja Católica, se constituem comissões de peritos no assunto com intuito de fazer com que haja realmente diálogos interconfessionais, inter-religiosos, intereclesiais, multilaterais, portanto, com pessoas de denominações e religiões não cristãs. Em suma, dentro dessa perspectiva, pode-se afirmar que a história da Igreja em relação ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso se apresenta na atualidade, como uma história de relações que cria vínculos e laços saudáveis, embora, em algumas instâncias se passa por desafios na compreensão do ponto de vista do diferente.

---

<sup>7</sup> A busca pela reconciliação e unidade entre os cristãos torna-se um fator constante na história da Igreja porque ela desde os primeiros séculos, se caracterizou por rupturas que até hoje tendem a acontecer. Citemos algumas delas: a história mostra que houve uma ruptura após o Concílio de Éfeso em 431; em seguida houve uma outra divisão após o Concílio de Calcedônia em 451; mais tarde, em 1054, houve a divisão entre a Igreja de Roma e a Igreja de Constantinopla e outras Igrejas orientais durante a Idade Média; por fim, o evento que está mais próximo de nós foi a divisão entre a Igreja Apostólica Romana e as Igrejas da Reforma no século XVI (FITZGERALD, 2004, p. 10).

## **2. A aceitação da ideia do diálogo ecumênico no seio da Igreja Católica Apostólica Romana**

Como já se indicou na seção anterior, a ICRA não comungava das ideias do movimento e proibia categoricamente que seus fiéis participassem ou promovessem tais diálogos. A deliberação, aceitação e entrada formal da Igreja Católica Apostólica Romana, no movimento ecumênico, só veio a ser possível nos anos sessenta, quando estava sob a liderança do Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II. Como explica Navarro,

A Igreja Católica Romana mostrou-se no princípio muito reticente ao diálogo ecumênico, mas aquela primeira desconfiança foi mudada e a partir da celebração do Concílio Vaticano II essa Igreja participa de todas as manifestações do movimento ecumênico. Sem ser membro do CEI, leva a efeito um amplo diálogo doutrinal com as outras Igrejas e colabora em níveis regionais, nacionais e locais com as outras Igrejas cristãs (NAVARRO, 2002, p. 106).

Como se pode notar, a entrada oficial da Igreja Católica Romana no movimento ecumênico só aconteceu após mais de quarenta anos de diálogo entre protestantes, anglicanos, veterocatólicos e igrejas ortodoxas em vários ambientes. Apesar de a Igreja Católica Romana ter manifestado preocupação quanto à desunião cristã durante o final do século XIX e o início do século XX, “ela se recusou formalmente a se envolver nas primeiras organizações ecumênicas ou no estabelecimento do Conselho Mundial de Igrejas em 1948” (FITZGERALD, 2004, p. 127, tradução nossa)<sup>8</sup>. Com o passar dos anos, aos poucos, porém, ela foi cedendo e se abrindo, mas não se pode ser ingênuo a ponto de pensar que tal aceitação foi tranquila e fácil.

Lendo os escritos de Yves Congar, percebe-se que foi necessário um grande profetismo para que houvesse uma abertura e mudança de atitude nos membros que constituíam a hierarquia da Igreja. Aliás, para chegar ao diferente e dialogar buscando a união que Cristo deseja da sua Igreja, é necessário que haja o espírito de humildade e reconhecimento que também a graça em Cristo opera no diferente. Dentro dessa perspectiva, Fitzgerald enfatiza que

[...] Yves Congar (1904-95), padre Dominicano e teólogo de Paris, deu uma profunda contribuição ao ecumenismo católico no período que antecedeu o

---

<sup>8</sup> “[...] it formally declined to be involved in the early ecumenical organizations or in the establishment of the World Council of Churches in 1948”.

Concílio Vaticano II e nos anos que se sucederam a ele. Ele acabou se associando a um pequeno grupo que estava interessado no ecumenismo, onde alguns dos membros estavam envolvidos nas Conversas Malines entre Anglicanos e Católicos Romanos. Este diálogo entre teólogos Anglicanos e Católicos Romanos começou com a bênção do Papa Bento XI em 1921 e foi conduzido pelo Cardeal Désiré Mercier (1851-1926). No entanto, os teólogos de ambos os lados não estavam verdadeiramente representando suas Igrejas. Apesar da limitação inerente, as conversas, que duraram até 1926, demonstraram que o diálogo entre os teólogos católicos romanos e anglicanos era de fato possível (FITZGERALD, 2004, p. 132-133, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Yves Congar foi, pois, um dos vários teólogos que vislumbraram a grande possibilidade de realização do desejo de Cristo quando este rezou que “todos seja um” (Jo 17, 21). Por ter escrito e se envolvido em tal busca pela unidade por meio do movimento ecumênico,

Seus escritos e discursos não foram bem recebidos pelas autoridades em Roma. No ano de 1947, Roma recusou-se a permitir-lhe a publicação de um artigo sobre ecumenismo em uma publicação preparatória para a Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas de Amsterdã. Alguns anos mais tarde, em 1952, foi-lhe dito que todos os seus escritos tinham que ser aprovados por Roma antes que pudessem ser publicados. No mesmo ano, ele se envolveu na Conferência Católica para Questões Ecumênicas. Este grupo de notáveis teólogos católicos começou a se reunir regularmente em várias cidades da Europa Ocidental para discutir questões relacionadas ao ecumenismo. Muitos dos participantes mais tarde se envolveram no Concílio Vaticano II (FITZGERALD, 2004, p. 133, tradução nossa)<sup>10</sup>.

O Concílio Vaticano II retomou a questão do diálogo e da unidade dos cristãos com um olhar mais profundo e diferenciado, graças a esforços de autores que antecederam esse grande evento eclesial, tais como Yves Congar. Os cristãos de outras igrejas não foram mais vistos e chamados de filhos pródigos que deviam eventualmente voltar para a casa do Pai (Igreja Católica), mas como irmãos que professam a mesma fé

---

<sup>9</sup> “[...] Yves Congar (1904-95), a Dominican priest and theologian from Paris, made a profound contribution to Catholic ecumenism in the period leading up to the Second Vatican Council and in the years after it. He ultimately became associated with a small group who were interested in ecumenism, some of whom were involved in the Malines Conversations between Anglicans and Roman Catholics. This dialogue between Anglican and Roman Catholic theologians began with the blessing of Pope Benedict XI in 1921 and was led by Cardinal Desire Mercier (1851-1926). Yet the theologians on both sides were not truly representing their churches. Despite the inherent limitation, the conversations, which lasted until 1926, demonstrated that dialogue between Roman Catholic and Anglican theologians was indeed possible.

<sup>10</sup> His writings and speeches were not well received by the authorities in Rome. In the year 1947, Rome refused to allow him to publish an article on ecumenism in a publication preparing for the Amsterdam Assembly of the World Council of Churches. A few years later in 1952, he was told that all his writings had to be approved by Rome before they could be published. In the same year he became involved in the Catholic Conference for Ecumenical Questions. This group of notable Catholic theologians began to meet regularly in various cities in Western Europe to discuss issues related to ecumenism. Many the participants later became involved in the Second Vatican Council.

e inseridos na família dos filhos de Deus por meio do batismo. Com essa mudança de abordagem, a Igreja Católica Romana tornou-se plenamente comprometida na busca da unidade visível e, radicalmente, tornou-se uma parceira nos diálogos ecumênicos em diversas conferências de igrejas. Com a publicação da encíclica *Ecclesiam Suam* (1964), a ICAR passou a se declarar colaboradora na busca da unidade por meio do diálogo com o diferente. Dupuis o confirma:

Em 6 de agosto de 1964, entre a segunda e a terceira sessão do Vaticano II, Paulo VI publicou sua encíclica programática *Ecclesiam Suam*, num momento em que os documentos do Vaticano II, que deveriam tratar do diálogo inter-religioso, estavam ainda em fase de elaboração. [...] *Ecclesiam Suam* assinala a entrada do diálogo em geral na nova perspectiva, inerente ao programa de renovação da Igreja e de abertura ao mundo desejado pelo concílio (DUPUIS, 2017, p. 202).

Ainda segundo este autor, o Concílio Vaticano II foi o primeiro na história da Igreja que falou positivamente das outras igrejas e religiões da humanidade (1992, p. 305). No decreto *Unitatis Redintegratio*, a ICAR, reconhece que um dos principais propósitos do sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II era a promoção e restauração da unidade entre todos os cristãos. Ou seja, eles se abrem para uma nova aventura de relação construtiva na busca de unidade por meio de diálogo. É por meio deste decreto que a ICAR se desfaz do véu da soberania diante das outras igrejas e se autoavalia e reconhece que ela mesma precisa de conversão de coração para se desfazer de palavras, juízos e ações que não fomentam a humildade e união com as outras igrejas. É nesse sentido que os padres conciliares reconhecem que:

Não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior. É que os anseios de unidade nascem e amadurecem a partir da renovação da mente, da abnegação de si mesmo e da libérrima efusão da caridade. Por isso, devemos implorar do Espírito divino a graça da sincera abnegação, humildade e mansidão em servir, e da fraterna generosidade para com os outros (UR, n. 7).

Por essa razão, os textos sobre o ecumenismo e sobre o diálogo inter-religioso produzidos pelo concílio se constituíram para o mundo como um grande gesto de humildade e abertura da Igreja perante as outras denominações cristãs e religiões não cristãs. A própria encíclica *Ecclesiam Suam* é fruto de tal abertura, como foi aventado acima. Fitzgerald o confirma:

A Constituição do Concílio sobre a Igreja e seu Decreto sobre o Ecumenismo proporcionaram uma abordagem teológica mais matizada da realidade de outras Igrejas cristãs e comunidades eclesiais, bem como da busca da unidade das Igrejas. Ao longo de 30 anos, este documento foi seguido por uma série de outras

encíclicas papais significativas e outras declarações, que articulavam ainda mais as posições da Igreja Católica Romana (FITZGERALD, 2004, p. 128, tradução nossa).<sup>11</sup>

Como bem afirma Wolff, o pontificado de João XXIII inaugura a mudança da Igreja Católica diante do já existente movimento ecumênico e do diálogo com as religiões não cristãs, inicialmente promovido por confissões cristãs não católicas. Segundo ele, a própria celebração do Concílio Vaticano II tornou-se, em ato, um evento ecumênico e de diálogo inter-religioso, pois contou com a presença de observadores não católicos que colaboraram com questões e observações que viriam, mais tarde, a integrar os documentos conciliares. Foi dentro dessa mesma perspectiva que o Papa Paulo VI reconheceu a presença e a contribuição de todos os participantes na categoria de observadores no concílio. Em busca da unidade com eles, o Papa lhes endereça nos seguintes termos:

Falamos agora aos representantes das denominações cristãs separadas da Igreja Católica, que, no entanto, foram convidados a participar como observadores nesta assembleia solene. Suadamos-lhes de coração. Agradecemos-lhes pela sua participação. Transmitimos através deles a nossa mensagem - como pai e irmão - às veneráveis comunidades cristãs que eles representam. A nossa voz treme e o nosso coração bate mais rápido, tanto por causa do consolo inexprimível e da esperança racional de que a sua presença se agita dentro de nós, como por causa da tristeza profunda que sentimos na sua separação prolongada. Se fomos de alguma forma culpados por essa separação, pedimos humildemente o perdão de Deus. E pedimos perdão também aos nossos irmãos que se sentem feridos por nós. De nossa parte, perdoamos de bom grado os ferimentos que a Igreja Católica sofreu, e esquecemos a dor sofrida durante a longa série de dissensões e separações. Que o Pai celestial se digne ouvir as nossas preces e nos conceda a verdadeira paz fraterna (PAULO VI, 1964, p. 147-148, tradução nossa)<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> The council's Constitution on the Church and its Decree on Ecumenism provided a more nuanced theological approach to the reality of other Christian churches and ecclesial communities, as well as to the quest for the unity of the churches. Over the course of 30 years, this document was followed by a number of other significant papal encyclicals and other statements, which further articulated the positions of the Roman Catholic Church.

<sup>12</sup> We speak now to the representatives of the Christian denominations separated from the Catholic Church, who have nevertheless been invited to take part as observers in this solemn assembly. We greet them from our heart. We thank them for their participation. We transmit through them our message—as father and brother—to the venerable Christian communities they represent. Our voice trembles and our heart beats the faster both because of the inexpressible consolation and reasonable hope that their presence stirs up within us, as well as because of the deep sadness we feel at their prolonged separation. If we are in any way to blame for that separation, we humbly beg God's forgiveness. And we ask pardon too of our brethren who feel themselves to have been injured by us. For our part, we willingly forgive the injuries which the Catholic Church has suffered, and forget the grief endured during the long series of dissensions and separations. May the heavenly Father deign to hear our prayers and grant us true brotherly peace (PAUL VI, 1964, p. 147-148).

Em suma, como destaca Walter Kasper, foi sobre essas bases que o cardeal Augustin Bea<sup>13</sup> (um dos pioneiros do ecumenismo atual), o Cardeal Jan Willebrands e o Cardeal Edward I. Cassidy mantiveram muitos contatos, construíram confiança e obtiveram compreensão e aproximação mútua nos diálogos ecumênicos. Sobre esta postura foi possível construir e dar continuidade ao que já vinha sendo edificado há anos (KASPER, 2015, p. 53). Na mesma convicção, teólogos como Yves Congar, Karl Rahner, entre outros, acolheram o compromisso da reintegração da unidade, como o decretou o Concílio Vaticano II.

### **3. Conquistas significativas do Concílio Vaticano II quanto ao diálogo ecumênico**

Com a aplicação das deliberações feitas no Concílio Vaticano II, passos significativos foram dados na busca de um diálogo saudável com outras denominações, bem como com outras religiões tradicionais. A Igreja tomou várias iniciativas implantando a cultura do encontro com o diferente, promovendo convivências inovadoras que possibilitam a unidade, o testemunho religioso cristão e ecumênico. Por isso, pode-se notar que nos últimos anos as relações entre as Igrejas cristãs não católicas passaram por desenvolvimentos notáveis. Hoje, a busca pela reconciliação e unidade visível das Igrejas chegou a um ponto que não poderia ter sido imaginado há sessenta anos.

Observa-se ainda que inúmeras Igrejas ortodoxas, anglicanas, veterocatólicas e a maioria das igrejas protestantes têm estado envolvidas constantemente na busca de uma realização e testemunho cristão em conjunto<sup>14</sup> (FITZGERALD, 2004, p. 2). Desse

---

<sup>13</sup> Ao lado do Cardeal Augustin Bea se encontrava o teólogo luterano Oscar Cullmann, que é o pioneiro do ecumenismo atual protestante. Vários autores destacam que Cullmann tornou-se, durante o Concílio Vaticano II, observador oficial não católico, e propôs ao Papa Paulo VI o estabelecimento de um Instituto Internacional de Relacionamento cristão, onde se poderia experimentar uma vida de oração, estudo e diálogo. Outro dado importante a ser destacado é que, segundo André Birmelé, em virtude de não ser representante de nenhuma denominação, mas apenas uma pessoa independente que não tinha obrigação de dar explicações dos acontecimentos das sessões, Cullmann foi o único a ser convidado para as quatro sessões do Concílio. Ele era tido como um dos convidados particulares engajados a oferecer suas reflexões teológicas (BIRMELÉ, 2012, p. 115).

<sup>14</sup> O fato de afirmar-se que a maioria das igrejas protestantes têm estado envolvidas constantemente na busca de uma realização e testemunho cristão em conjunto, não repudia o fato de que a maioria das

modo, fica evidente que a busca pela unidade dos cristãos não é mais uma preocupação particular de alguns membros, mas constitui uma busca constante agora também em nível institucional. No caso da ICAR, ela entendeu que os princípios teológicos do movimento ecumênico não se baseiam em interesses particulares, mas no desejo de Cristo para com a sua Igreja. Portanto, depois de tantos anos, ficou evidente para todos que, para realizar esse mandato, era necessário promover a cultura do diálogo, da comunhão e da unidade. Como explica Fitzgerald:

Os princípios teológicos de reconciliação e unidade das Igrejas são normalmente expressos através dos diálogos e declarações das Igrejas, através de oportunidades de oração em comum e na expressão conjunta do testemunho na sociedade. Os princípios são expressos quando os líderes de diferentes Igrejas se reúnem em reuniões. Eles também são expressos quando membros de paróquias locais de diferentes famílias de Igrejas se reúnem para um grupo de oração ou estudo bíblico (FITZGERALD, 2004, p. 10, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Desta maneira, evidencia-se a intenção do Papa João XXIII, quando estabeleceu que os princípios do ecumenismo na Igreja Católica Romana deveriam configurar o espírito, o método e a finalidade do Vaticano II. Os diálogos ecumênicos devem preservar a tradição eclesial nos seguintes aspectos:

[...] na compreensão da Bíblia como norma primeira da fé e sua justa relação com a Tradição (DV); na eclesiologia, com a distinção entre a Igreja de Cristo e a Igreja católica, equilibrando a relação entre a Igreja misteriosa e a Igreja visível (LG 8,14); no valor do sacerdócio de todos os batizados como expressão da dignidade sacramental comum, e a colaboração dos leigos com o ministério ordenado (LG 10-11; cap. II; AA); na indefectibilidade da fé de toda a comunidade (LG 12); na superação da consciência ritualística dos sacramentos (LG 7; SC); na afirmação dos ministérios como serviço (CD 16; PO); na compreensão do diálogo como elemento integrante da ação evangelizadora (AG 6.15.29.36), entre outros (WOLFF, 2014, p. 35).

Hoje é fundamental sublinhar que a Igreja Católica Romana se organiza e se apresenta diante das outras Igrejas baseando-se nos princípios estabelecidos pelo Concílio Vaticano II no Decreto *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo, o qual

---

igrejas pentecostais e/ou neopentecostais não demonstram o menor interesse pela unidade. Pelo contrário, observa-se no dia a dia, divisões e desentendimentos por motivos que não constituem a essência e a proposta do Evangelho. Por isso é fundamental que se tenha claro que quando se fala de igrejas protestantes, se refere às igrejas do protestantismo histórico.

<sup>15</sup> The theological principles of reconciliation and unity of the churches are normally expressed through the dialogues and statements of the churches, through opportunities for common prayer, and in joint expression of witness in the society. The principles are expressed when church leaders from different churches gather in meetings. They are also expressed when members of local parishes of different church families meet together for a prayer group or bible study.

estabelece as bases doutrinais e orientações pastorais para o ecumenismo na Igreja. O ecumenismo conciliar e pós-conciliar

[...] incentiva todo tipo de iniciativa que favoreça a unidade, fortalecendo quatro elementos: a) o ecumenismo como uma atitude, com um comportamento dialogante frente às diferentes Igrejas, eliminando palavras, juízos e ações que não correspondam à condição dos irmãos separados (UR 4); b) o diálogo teológico, para aprofundar a doutrina cristã nas várias confissões, distinguindo o “conteúdo” e as “formas” de explicitação das verdades da fé (UR 9.11), e compreendendo que existe uma “hierarquia das verdades”, que mostra “o diverso nexos com o fundamento da fé cristã” (UR 11); c) a cooperação prática, que favorece a corresponsabilidade das Igrejas em iniciativas pastorais concretas (UR 12); d) o ecumenismo espiritual, considerando a oração “a alma de todo o movimento ecumênico” (UR 8) (WOLFF, 2011, p. 411).

Por sua vez, de uma maneira mais concisa, o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso<sup>16</sup> faz o resgate histórico da evolução do processo do diálogo com as outras religiões, e no seu documento de maio de 1991, fica evidente que o diálogo só é possível quando todos se comprometem pela mesma causa. É dentro desse ambiente que é possível reconhecer a beleza do labor teológico e pastoral desenvolvidos nas outras denominações. O diferente passa a ser visto como colaborador na missão da Igreja e não como adversário. É por isso que Tihon, relata que os teólogos católicos se referem cada vez mais aos seus colegas das outras igrejas, não mais como adversários, mas irmãos gerados no mesmo Espírito Santo (TIHON, 2002, p. 428). Desse modo, como teólogos, passam a refletir temas teológicos abordados nas outras comunidades cristãs, tanto ortodoxas e protestantes. A partir de então, juntos passam a refletir dentre vários aspectos, temas como: o papel da Palavra de Deus, a tensão entre a Igreja e o Reino, a Igreja ao mesmo tempo santa e pecadora, a dimensão cósmica da salvação, o lugar do Espírito e dos carismas, o sentido da diversidade na unidade, o valor da liturgia como “lugar teológico”. Como cristãos, chegam a comum acordo que, devido à pluralidade religiosa, hoje o cristianismo passa por uma crise existencial de fé, como destaca Miranda.

Vivemos hoje, sem dúvida alguma, dias difíceis para o cristianismo. A pluralidade das religiões afeta fortemente nossa consciência de fé por sua proximidade inédita na história da humanidade. Além disso, vivemos pressionados por uma cultura que cultua a eficácia e os bens materiais, o prazer imediato e o individualismo. A crise maior não está no tradicionalismo das instituições, na falta de criatividade pastoral,

---

<sup>16</sup> *Diálogo e Anúncio*, n.2.

na linguagem inadequada da proclamação da fé, no autoritarismo dos responsáveis pelas Igrejas, ou na maior participação dos fiéis na vida e na atividade da comunidade. Naturalmente são fatores que agravam o quadro atual, mas este tem uma causa mais profunda e mais séria na crise da própria fé cristã (MIRANDA, 2004, p. 34).

Como consequência do fator acima elencado, nota-se que “a busca da religião obedece mais a razões de interesse<sup>17</sup>, conveniência, segundo o que mais agrada ou satisfaz” (MARIANO, 2003, p. 6). Desta forma, conforme as recomendações do Concílio Vaticano II, o diálogo ecumênico e inter-religioso em nossas frentes apostólicas deve buscar encontrar e construir novos métodos de evangelização tendo em vista a propagação da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo na moção do Espírito Santo. Por isso é fundamental que se entenda que ecumenismo não é sincretismo religioso. Trata-se de uma práxis fundamentalmente cristológica e que tem por objetivo principal a criação de condições para a comunhão eclesial visivelmente vivida.

Na linguagem conciliar, poderíamos afirmar que ecumenismo é a busca pela concretização visível do Corpo Místico de Cristo, não na base da compreensão ordinária de anúncio e pregação do Evangelho por meio de formulações doutrinárias (DREHER, 2017, p. 57), mas por uma constante busca para a construção de uma comunidade na qual os membros se amem, se respeitem e se comuniquem com o diferente na busca de um objetivo comum, mesmo não fazendo parte do seu redil. Esta comunhão ecumênica não deve ser entendida como uma utopia entre os cristãos, mas como realidade vivenciada na busca de uma responsabilidade ético-religiosa pelo bem-estar da humanidade e, sobretudo, dos empobrecidos e descartados da sociedade.

Desta forma, entende-se que o diálogo ecumênico não é uma via de mão única, mas um dar e receber recíproco. Aliás, não se trata de uma mera troca de experiências com os demais, mas uma troca de dons que o Espírito Santo tem concedido à sua Igreja. Segundo Kasper, o ecumenismo “não nos torna menos católicos, mas mais católicos no sentido correto. Ser católico e ser ecumênico não são opostos, mas os dois lados da mesma moeda” (2015, p. 54). É por essa razão que se no mundo cristão se incentiva

---

<sup>17</sup> Em relação a este aspecto, Mário de França Miranda constata que hoje no mundo “não se nega Deus, ou a vida eterna, mas também já não se levam, tão a sério, estas realidades transcendentais e acessíveis aos que têm fé. Em caso de dúvida é melhor buscar a felicidade já do lado de cá. Assistimos hoje a um *processo de imanentização* de conteúdos e práticas religiosas em favor do bem-estar do indivíduo. Os próprios símbolos religiosos são relidos na ótica funcional e hedonista da atual sociedade” (2004, p. 34).

várias oportunidades de oração comum para a unidade cristã como, por exemplo, a semana de oração pela unidade dos cristãos na Igreja Católica e no ceio das igrejas da Reforma, destaca-se a comunidade ecumênica para a oração e hospitalidade em Taizé, na França, fundada por Roger Schütz (1915-2005) em 1940.

Este lugar tornou-se, desde a sua fundação, o centro de uma vivência da espiritualidade cristã onde várias pessoas têm se encontrado para rezar, refletir e reconhecer no diferente a graça operante do Espírito Santo. Sustentando o mesmo Fitzgerald declara:

Esta comunidade monástica única tornou-se um centro onde protestantes, católicos e monges ortodoxos podiam se reunir em oração, reflexão e serviço. Desde aquela época, Taizé se tornou um lugar de peregrinação e oração comum para incontáveis milhares de cristãos de várias tradições. Os cultos de adoração de Taizé, abertos aos cristãos de todas as Igrejas, tornaram-se uma expressão muito importante da importância da oração na busca pela Unidade dos Cristãos (FITZGERALD, 2004, p. 96, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Em suma, o dado que acabamos de abordar acima indica que “o diálogo ecumênico suscitou uma redescoberta da fraternidade e criou entre os cristãos das várias Igrejas e comunidades eclesiais um clima mais aberto e confiante” (RATZINGER, 2005).

#### **4. A necessidade de diálogo ecumênico na ação pastoral em Moçambique**

O objetivo desta última seção é de oferecer uma visão de conjunto dos desafios pastorais que o cristianismo enfrenta em Moçambique, sem a pretensão de exaurir o assunto. O intuito aqui, portanto, é demonstrar, de forma sintética, a relevância da busca pela unidade e do diálogo em vista da eficácia missionária naquelas terras de missão.

A Igreja Católica em Moçambique está inserida num contexto de uma vivência plural de religiosidades, onde se observa, além da forte vivência da religião tradicional africana, a presença significativa de anglicanos, luteranos e reformados, igrejas livres e pentecostais, bem como comunidades carismáticas mais recentes em franco

---

<sup>18</sup> This unique monastic community became a center where Protestants, Catholics, and Orthodox monks could come together in prayer, reflection, and service. Since that time, Taize has become a place of pilgrimage and common prayer for countless thousands of Christians from various traditions. The worship services of Taize, which have been open to Christians of all churches, have become a very important expression of the importance of prayer in the quest for Christian Unity (2004, p. 96).

crescimento. Num tal contexto é fundamental que se entenda que ecumenismo não deve ser entendido como “um assunto doutrinário, mas sim um método pastoral de acordo com uma ‘mentalidade’ particular” (HENRIQUEZ, 1964, p. 170, tradução nossa)<sup>19</sup>. Dentro deste contexto, deve haver uma grande abertura em todas as partes e compreender que o Espírito de Deus atua também fora dos limites da ICAR e das outras denominações cristãs.

Faz-se necessário destacar este dado, porque a vivência da realidade espiritual, em Moçambique, destaca-se da de outros países, pois é muito comum que as pessoas passem a vida transitando de uma igreja para a outra, mas nunca se distanciem da religião tradicional africana. É dentro desta problemática que deriva o maior desafio pastoral do cristianismo neste país, pois ali todas as denominações cristãs observam, nos seus fiéis, a vivência de uma dupla pertença religiosa. Diante de tal situação, surge a principal tarefa das igrejas cristãs, que consiste em apresentar a fé cristã de modo fidedigno e condizente com a atual cultura e que responda aos desafios do seu tempo. Segundo Mário França Miranda, “esta tarefa é comum às confissões cristãs que deverão então pensar a fé no horizonte histórico e social de uma sociedade pós-cristã, aceitando-a como parceira de diálogo” (MIRANDA, 2004, p. 37).

Visto que se trata de um problema pastoral enfrentado por todas as denominações cristãs, fica evidente a necessidade de uma aproximação e diálogo entre as Igrejas, não com mero objetivo de trocar experiências, mas de partilhar e receber os dons que o Espírito Santo tem concedido a cada igreja particular nos seus trabalhos apostólicos. Por isso, vale frisar que só pode haver ecumenismo em Moçambique, se um aceitar o outro como outro, que ele também tem conhecimentos, e que tem algo para dar como se destaca abaixo:

No diálogo ecumênico, cada comunhão cristã traz um ou muitos presentes à mesa de diálogo, e recebe também riquezas dos seus parceiros de diálogo. Mas na troca ecumênica de dons, a doação enriquece a todos, uma vez que não perdemos os nossos dons ao partilhá-los com outros. A troca de dons do diálogo ecumênico significa uma recepção mútua de dons para os quais fomos preparados pelo arrependimento e pela esperança. De fato, são os dons recebidos de Deus, dados para o bem de toda a Igreja, que com efeito são agora oferecidos para serem

---

<sup>19</sup> Ecumenism is not a doctrinal affair but rather a pastoral method in accordance with a particular “mentality”.

partilhados por todos no diálogo ecumênico (O'GARA, 2008, p. 26, tradução nossa)<sup>20</sup>.

O ecumenismo neste sentido deve antes de tudo buscar viver o reconhecimento do outro e esforçar-se em compreendê-lo. Todos deveriam estar em comum acordo em todos os aspectos que dizem respeito à fé cristã e ao Evangelho, se dedicando incansavelmente “à promoção da justiça e da paz no mundo, à diminuição da violência, do terror e da opressão, à defesa da dignidade humana, dos direitos humanos e dos valores éticos fundamentais” (RAHNER *apud* MIRANDA, 2004, p.37). Aliás, na dinâmica pastoral ecumênica “[...] o que importa verdadeiramente não é ser adepto de uma Igreja, mas entrar na dinâmica do Reino, nossa relação com ele, sermos lutadores de sua causa” (CASALDÁLIGA *apud* BRAKEMAIER, 2001, p. 197). Por esta razão, no contexto moçambicano, o ecumenismo pode ser aplicado como mutirão à luz de Cristo em favor da dignidade humana. As denominações cristãs, sem renunciar o critério da verdade, deveriam buscar um consenso ético numa práxis diaconal que a seu modo ultrapassaria as barreiras institucionais, almejando o desejo de Cristo de que todos tenham vida e a tenham em abundância.

Como se pode notar, a busca pelo reconhecimento do que há em comum entre os cristãos de diferentes denominações e o desejo de traçar novos caminhos para um futuro melhor, deveriam ser a força motriz que direcione o espírito de conversão pastoral em perspectiva ecumênica.

O último senso realizado em Moçambique revela que recentemente tem se registrado, devido à instabilidade política no centro e no norte do país, uma migração em massa de várias famílias na busca de um local seguro que lhes ofereça proteção e paz. Neste contexto, a presença cristã deveria, antes de apresentar-se de modo confessional, visar a causa de Deus e a sua vontade salvífica. Os cristãos são os que deveriam devolver a esperança para este povo, servindo como pontes de diálogo e transmissores de paz e unidade.

---

<sup>20</sup> In ecumenical dialogue, each Christian communion brings one or many gifts to the dialogue table, and receives riches from their dialogue partners as well. But in the ecumenical gift exchange, the giftgiving enriches all, since we do not lose our gifts by sharing them with others. The gift exchange of ecumenical dialogue means a mutual reception of gifts for which we have been prepared by repentance and hope. In fact, it is the gifts received from God, given for the good of the whole church, that in effect are now offered to be shared by all in ecumenical dialogue.

Em consequência disso, a Igreja, Corpo de Cristo e sinal da presença do Reino de Deus, deve procurar se caracterizar por ser o fator transformador da vida das pessoas em todas as realidades em que está presente (FUELLENBACH, 2006, p. 128). Dentro da mesma perspectiva, na busca de uma resposta concreta aos desafios e sofrimentos das pessoas, a Igreja deveria se ocupar, antes de tudo, em ser sinal do Reino de Deus, promovendo justiça, fraternidade, perdão, acolhida, solidariedade e acima de tudo amor ao próximo.

A unidade que as igrejas são chamadas a viver em Moçambique deveria ter em vista o ser instrumento de mediação das graças do Reino de Deus no mundo, tornando-se, em suas realidades concretas, lugares de manifestação do amor de Deus (AQUINO JUNIOR, 2021, p. 89).

Levando em consideração os desafios pastorais acima elencados, torna-se evidente que o diálogo e a cooperação ecumênica, em Moçambique, são necessidades urgentes. Há de se considerar que o diálogo ecumênico não busca uniformizar as áreas de atuação pastoral e, muito menos, convencer o diferente a abraçar as convicções confessionais alheias, mas intensificar o intercâmbio dos dons do Espírito e das experiências que o outro experiencia no seu dia a dia. Por isso, no diálogo ecumênico, segundo WOLFF:

O que se faz necessário é eliminar a perspectiva da controvérsia, ou seja, o confronto apologético polêmico, como eixo da relação entre as igrejas, e realizar um esforço intelectual crítico que tenha lucidez na análise da história das divisões no universo cristão indagando, para além das disputas doutrinárias, um modo de conceber a própria identidade cristã e eclesial não mais de forma irreduzível, mas na perspectiva do diálogo, da compreensão e acolhida mútuas (WOLFF, 2015, p. 382).

Desse modo, a prática adequada do ecumenismo deve, sem dúvida, se basear no amor que é a disposição adequada pela natureza da Graça para preparar o caminho que leva à verdade revelada que é Jesus Cristo. Fundamentado nesse dado, fica claro que o primeiro passo, portanto, na prática do ecumenismo, não é defender ou explicar a ‘verdade’, mas mostrar o verdadeiro amor. Aliás, segundo Mário de França Miranda:

Não se trata neste diálogo de “doutrinar” de fora a outra parte, trazendo-lhe o que desconhecia ou rejeitava. Trata-se de lhe oferecer uma expressão mais correta, plena e diferenciada do que ela, no fundo de seu coração, já tinha captado como sua própria verdade. Portanto cada interlocutor, no diálogo ecumênico, deve vir com uma adesão de fé absoluta, que não invalida e esvazia o diálogo. Pois cada

respectiva formulação doutrinal não exaure a fé original que pode ser enriquecida através de uma compreensão maior da própria fé. Sem abrir mão da própria fé, sempre se pode realmente aprender no diálogo ecumênico (MIRANDA, 2004, p. 48).

Em suma, o itinerário que se percorreu até aqui prova que não se pode inferir tampouco que a unidade ecumênica implica apenas uma dimensão intelectual, de compreensão comum sobre o querigma em meio a formulações doutrinárias. A comunhão implica o esforço amplo, levado a cabo em vários níveis e em diversas frentes apostólicas, visando reunir/unificar o Corpo Místico exposto a divisões. Como se pode notar, “o ecumenismo é realmente a condição indispensável de todo verdadeiro testemunho no mundo contemporâneo para o mistério de Cristo. Antes de acreditarem em Cristo, as pessoas devem ver que os cristãos, mesmo aqueles que ainda estão separados, têm amor uns pelos outros” (ZOA, 1964, p. 277-278 tradução nossa)<sup>21</sup>.

### **Considerações finais**

Em relação a tudo o que foi apresentado no presente ensaio, fica evidente a necessidade de uma reflexão aprofundada e a realização concreta dos apelos do Concílio Vaticano II em relação à vivência e relacionamento ecumênico com os cristãos não católicos. Mais do que promover argumentos apologéticos e críticas não construtivas, o movimento ecumênico atualmente continua a convidar todos a ultrapassarem as barreiras da indiferença e a cooperarem na busca de uma evangelização que prime pela promoção da vida, da justiça e da paz que Cristo desejou e continua desejando à sua Igreja.

Dentro da pesquisa, ficou nítido que o grande desafio que os cristãos enfrentam em relação à adesão, à espiritualidade e à teologia do movimento ecumênico, é justamente a cristalização histórica das identidades e a não abstenção do juízo.

Como se pode notar, fez-se um itinerário histórico e teológico com o intuito de resgatar, a partir da sucessão dos eventos narrados, a necessidade de uma conversão pastoral na busca de uma evangelização mais eficaz aos nossos dias. Tendo como base o

---

<sup>21</sup> [...] it is really the indispensable condition of all true witness in the contemporary world to the mystery of Christ. Before they will believe in Christ, people must see that Christians, even those who are still separated, have love for one another (ZOA, 1964, p. 277-278).

itinerário que se fez, ficou claro que houve grandes avanços em direção à unidade dos cristãos, porém, hoje pode-se afirmar que a superação dos obstáculos, na busca da unidade cristã, exige o resgate constante do Concílio Vaticano II e sua intrínseca vinculação com o ecumenismo.

O diálogo que o movimento ecumênico apresenta, possibilita uma aproximação entre as lideranças eclesiais e organismos ecumênicos, entre o caminho teológico-doutrinal e o pastoral, entre a busca da unidade na fé e os esforços pela promoção da paz, justiça e vida humana digna para todos. Por isso, fica a tarefa para todos, como Igreja, de cultivar mais esta abertura e possibilitar que haja realmente um diálogo saudável com os irmãos das outras Igrejas e outras tradições não cristãs. Desta forma, este gesto torna-se uma necessidade urgente para a ação pastoral em Moçambique. Lançando o olhar sob alguns aspectos pastorais na Igreja naquelas terras de missão, torna-se indispensável o trabalho em comum com as outras religiões, pois separados, nenhuma denominação cristã conseguirá superar tais desafios.

Desta forma, fica claro que, por mais que a Igreja deu passos significativos em relação a este encontro com o diferente, ainda se torna necessário que se faça um pouco mais para se possibilitar um diálogo mais fraterno e cristão. O espírito de superioridade e de imposição não ajuda no diálogo. No diálogo ecumênico e inter-religioso não existe o ‘detentor da verdade<sup>22</sup>’. Todos se colocam no mesmo nível e juntos caminham em direção à busca dessa verdade que é completamente um Mistério que constantemente se revela, mas permanece incompreensível e inabarcável.

## Referências Bibliográficas

---

<sup>22</sup> Referindo-se à questão da verdade no ambiente dialogal com o diferente, o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso enfatiza que “em última análise, a verdade não é algo que possuímos, mas uma pessoa por quem devemos nos deixar possuir. Trata-se, portanto, de um processo sem fim. Embora mantendo intacta a sua identidade, os cristãos devem estar dispostos a aprender e a receber dos outros e por intermédio deles os valores positivos das suas tradições. Assim, mediante o diálogo, podem ser induzidos a vencer os preconceitos inveterados, a rever as ideias preconcebidas e a aceitar, por vezes, que a compreensão da sua fé seja purificada” (1991, n. 49). Aliás, tratando-se da verdade neste sentido, todos somos cegos e como tais, deveríamos fazer as nossas contribuições na base de experiências e compreensões parciais e subjetivas, sem nunca julgar que o outro esteja errado, pois, como afirma Ratzinger como teólogo, “ninguém é capaz de colocar Deus e seu Reino na mesa diante do outro” (RATZINGER, 2015, p. 36).

- ALMEIDA, Antônio José de. *Sois um em Cristo Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A Igreja de Jesus: missões e constituição*. São Paulo: Paulinas, 2021.
- ARIARAJAH, S. Wesley. Diálogo inter-religioso. In: CERETI, Giovanni; FILIPPI, Alfio; SARTORI, Luigi (Dir.). *Dizionario del Movimento Ecumenico*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1994. p. 388-394.
- BENTO XVI. *Discurso por ocasião do encontro ecumênico no palácio episcopal de colônia: viagem apostólica a colônia por ocasião da XX jornada mundial da juventude*. Colônia, 19 ago. 2005. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20050819\\_ecumenical-meeting.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20050819_ecumenical-meeting.html)> Acesso em: 30 out. 2021.
- BIRMELÉ, André. *Oscar Cullmann: In the Service of Biblical Theology and Ecumenism*. Baltimore: Baltimore University Press, 2012.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Ecumenismo: repensando o significado e a abrangência de um termo. Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, vol.33, n. 90, p.195-216, mai/ago 2001. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307853086\\_ECUMENISMO\\_REPENSANDO\\_O\\_O\\_SIGNIFICADO\\_E\\_A\\_ABRANGENCIA\\_DE\\_UM\\_TERM](https://www.researchgate.net/publication/307853086_ECUMENISMO_REPENSANDO_O_O_SIGNIFICADO_E_A_ABRANGENCIA_DE_UM_TERM) > Acesso em: 29 out. 2021.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- DUPUIS, J. Diálogo inter-religioso. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino (Dir.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 202-205.
- DREHER, Luís H. Zwinglio: um intento de compreendê-lo através de reflexões sobre o Protestantismo e o Ecumenismo. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v. 13, n. 1 e 2, p. 19-69. jan/jun. 2017.
- FITZGERALD, Thomas E. *The ecumenical movement: an introductory history*. Westport: Praeger Publishers, 2004.
- FUELLENBACH, John. *Igreja: Comunidade para o Reino*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HENRIQUEZ, Cardinal Raul Silva. The Ecumenical Mentality. In: KÜNG, Hans; CONGAR, Yves; O'HANLON, Daniel. (Ed.). *Council speeches of Vatican II*. New Jersey: Paulist Press, 1964, p. 170-174.
- JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Ut Unum Sint: sobre o empenho ecumênico*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade, Missão*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015.
- MARIANO, Denilson. *Os novos movimentos eclesiais: Uma abordagem a partir da Eclesiologia de Comunhão de Jean Rigal*. 157 p. Tese (Mestrado) Centro de estudos superiores da Companhia de Jesus Faculdade de Teologia, Belo Horizonte, 2003.
- MIRANDA, Mário de França. Karl Rahner, um inquieto teólogo ecumênico. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, vol. 36 n. 98, p. 33-54, jan/abr. 2004. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/307870622\\_KARL\\_RAHNER\\_UM\\_INQUIETO\\_TEOLOGO\\_ECUMENICO](https://www.researchgate.net/publication/307870622_KARL_RAHNER_UM_INQUIETO_TEOLOGO_ECUMENICO)>. Acesso em: 29 out. 2021.

- NAVARRO, Juan Bosch. *Dicionário de Ecumenismo*. Aparecida: Editora Santuário, 2002.
- NEWBIG, Lesslie. *The missionary dimension of the ecumenical movement*. London: Cambridge University Press, 1989.
- O’GARA, Margaret. Receiving Gifts in Ecumenical Dialogue. In: MURRAY, Paul D. (Ed.) *Receptive ecumenism and the call to catholic learning*. Oxford: Oxford University Press, 2008. P. 26-38.
- PAULO VI, Papa. The Task. In: KUNG, Hans; CONGAR, Yves; O’HANLON, Daniel. (Ed.). *Council speeches of Vatican II*. New Jersey: Paulist Press, 1964. P. 145-148.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. Congregação para a Evangelização dos Povos. *Diálogo e anúncio*, 19 maio 1991. Disponível em [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/interelg/documents/rc\\_pc\\_interelg\\_doc\\_19051991\\_dialogue-and-proclamatio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html) Acesso em: 17 set. 2021.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório*. São Paulo: Loyola, 2015.
- SAGOVSKY, Nicholas. *Ecumenism, christian origins and the practice of communion*. New York, 2004.
- SBARDELOTTO, Moisés. O papa da paz e o ecumenismo do sangue. *Revista Família Cristã*. São Paulo, vol.1, n. 1, , p. 52-54, maio de 2017.
- TIHON, Paul. A virada da eclesiologia no século XX. In: SESBOUÉ, Bernard (Org.). *História dos dogmas. Os sinais da salvação*. São Paulo: Edições Loyola; 2002. v. 3. p. 423-442.
- WOLFF, Elias. O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, vol. 35, n. 39, p. 403-428, set/dez. 2011. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20406/20406.PDF>>. Acesso em: 24 de ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. Divisões na Igreja: Desafios para o ecumenismo hoje.” *Theologica Xaveriana*. Bogotá, Colômbia, vol. 65, n. 180, p. 381-407, jul/dez. 2015. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.11144/javeriana.tx65-180.dideh>>. Acesso em: 27 set. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja católica*. São Paulo: Paulus, 2014.
- ZOA, John-Baptist. United Witness of All Christians. In: KÜNG, Hans; CONGAR, Yves; O’HANLON, Daniel. (Ed.). *Council speeches of Vatican II*. New Jersey: Paulist Press, 1964. p. 275-278.